

Publicado em: LYCURGO, Tassos. . Itaparica, A. L. M. Nietzsche: Estilo e Moral.. Revista Vivência (UFRN), Natal (RN), v. 26, p. 156-158, 2004.

Resenha de: ITAPARICA, A. L. M. *Nietzsche: Estilo e Moral*. São Paulo: Discurso Editorial, 2002, 126p.

Por Tassos Lycurgo
www.lycurgo.com

A obra em questão trata, acima de tudo, da relação entre forma e conteúdo ou, em termos mais específicos, da relação entre o estilo e a materialidade que se empregam em dois dos textos nietzschianos. Assim sendo, há de se estabelecer, desde já, que ambos, conteúdo e estilo, relacionam-se, comunicam-se. A maneira como se procede tal influência de um no outro, como se sabe, não é de fácil vislumbre. Urge, impreterivelmente, que se exponha como ou, pelo menos, em que grau se aceita a influência do conteúdo no estilo e, se é o caso, deste naquele. Veja-se, portanto, que na exposição da referida influência, com o fim último da economia das palavras, pode-se lançar mão de alguns recursos, neste caso, dos atalhos, dos tropos. Neste ponto, ou por preguiça ou por falta de maiores imagísticas, surge apenas uma metáfora: a da ave noctívaga, que será o estilo, e do som da noite, que será o conteúdo.

Desta feita, saiba-se que o estilo, no que concerne à materialidade do texto, é como uma ave noctívaga que ouve o ruído da noite. Ele, o estilo, há de reconhecer no berro, ao auscultá-lo, suas origens, para que depois, como reação ao que escuta, possa lançar-se no ar, ensaiar o vôo e, por fim, dar o seu próprio grito, misturando-se, assim, à já presente amálgama de sons noturnos. Sendo assim, quando o estilo, representado pela ave, em resposta aos berros que escuta, lança-se no ar e dá o seu próprio grito, fazendo-o misturar-se ao ruído inicial, é que se dá o primeiro grande momento: a materialidade do texto determina o estilo, o qual, quase que em atenção ao princípio da reciprocidade, passa a determinar os gritos que se escutarão. Nesse movimento circular, contudo, há um risco: há aves, assim como há estilos, que podem não ser bons voadores, e, em situações de quedas, os gritos da noite silenciam.

O estilo nietzschiano, contudo, não silenciará, pois sabe voar, arrisca-se e não teme fazer crer que os “filósofos se lançam virtuosamente sobre as pedras em dúbio estado de firmeza para atravessar o rio” (Nietzsche, *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, Cap. II), de sorte que, apenas no ato de no abismo jogar-se apaixonadamente é que se poderá continuar sendo — e há de mister que não se tenha como deixar de sê-lo — hábil para desejar o peso do livre pensamento, expresso pela materialidade do texto, a qual é, por sua vez, metaforicamente aqui figurada pelo ruído da noite. Vale ainda notar que o estilo amplia a materialidade do texto ao romper os limites da linguagem, ao libertar-se dela. Eis por que Michel Haar, de acordo com Itaparica, diz que “Nietzsche subverte os limites da linguagem através do uso de neologismos, de aspas e da paródia, ressaltando o caráter afirmativo do estilo nietzschiano e sua diversidade estilística, como ditirambos, poesias, sentenças etc.” (Itaparica, p. 16). É, em resumo, como se a forma ultrapassasse os limites do conteúdo, simplesmente.

O grau em que a materialidade do texto há de sofrer a influência do estilo, ou seja, a energia que a ave noctívaga empregará em seu próprio grito, dependerá da estrutura do escritor, de sua angústia. Pode-se, portanto, dizer que mesmo que a tentativa de libertação da idéia da linguagem através do estilo perpetue-se no recheio do crânio, ainda haverá a sombra da falência de tal empreitada na pergunta de em que grau está presente a angústia no livre pensamento. Há, à frente dos apotegmas propagadores da angústia, a idéia de que “o pensador profundo teme mais profundamente ser compreendido do que ser mal compreendido. Neste último caso sofrerá sua vaidade, mas no primeiro o seu coração, a sua compaixão, que repetem: mas por que desejais, também vós, portar o meu peso?” (Nietzsche, *Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma Filosofia do Futuro*, aforismo 290). Em outras palavras, pode-se inquirir-se sobre o que faz o escritor, por seu estilo, escrever e, desta feita, correr o risco da compreensão, mas, por outro lado, não querer ser compreendido. O fato é que aparece, neste ponto, uma idéia: em Nietzsche, o estilo não é simplesmente uma escada para a compreensão do texto, mas é, no que concerne ao vigor da escrita, uma maneira do texto ser da qual não poderiam as noções expressarem-se diferentemente.

Desta feita, surge inexorável a hipótese cuja versão mais modesta a obra que aqui se resenha pretende provar: em Nietzsche, “[q]ualquer tentativa de interpretação de [sua] [...] filosofia tem de levar em conta o fato de que o estilo pelo qual ela se expressa não é acidental; é, ao contrário, consequência de uma série de reflexões a respeito da linguagem e da escrita que perpassa toda a sua obra” (Itaparica, p. 11). Dito isso, importante se faz uma observação: não se pode pretender, sob pena de manter-se preso à ingenuidade pelas garras do óbvio, analisar cada obra nietzschiana em particular e, através de tal análise, estabelecer uma relação com o estilo que nela é empregado, pois cada obra, analisada isoladamente, oferece um sem-número de possibilidades de descrição do relacionamento entre o seu conteúdo e o estilo segundo o qual ela foi escrita. Ora, dito de outra forma, o que se pretende demonstrar é que, em um texto isolado, os seus estilos e conteúdo já são necessariamente relacionados, pois já se comunicam pelo simples fato de concernirem ao mesmo texto.

Conclui-se, assim, que, no que concerne ao conteúdo — que pode ser descrito como a materialidade de um texto —, só há como se estabelecer a contribuição dada por seu estilo, caso se possa compará-lo a um outro texto, de estilo diferente, mas de mesmo conteúdo, ou seja, cujo aspecto material seja semelhante ao do outro texto. Em outras palavras, o que se quer dizer é que a análise da relevância do estilo para o conteúdo de uma obra no mesmo autor “só é possível através de um estudo comparado de obras que possuam horizontes temáticos próximos e formas diferentes” (Itaparica, p. 18), como propõe A. Nehamas com o seu trabalho intitulado *Nietzsche, life as literature* (ver Itaparica, p. 16). Com esse propósito em mente, analisam-se duas das obras nietzschianas que desfrutam das supramencionadas características, quais sejam, semelhança no conteúdo e diferença no estilo.

O tema escolhido pelo livro, o que justifica em parte o seu título, é a moral, mais especificamente a crítica a ela, de sorte que os livros que são analisados

são *Humano, demasiado humano* e *Para além do bem e do mal*. Com efeito, como bem esclarece Itaparica, no primeiro deles, “a linguagem metafísica é apresentada como expressão de um saber que, por demais incerto, esconde suas limitações por meio de um estilo rebuscado e hermético. [...] [No segundo, contudo,] a linguagem da tradição filosófica é caracterizada como expressão da moral dos fracos, que se sustenta no instinto da gregariedade” (Itaparica, p. 18), ou seja, no instinto de rebanho.

A conclusão a que chega Itaparica é a de que em *Humano, demasiado humano*, “a crítica à moral da tradição é associada ao estilo pelo qual ela se expressa, um estilo obscuro, difícil e grandiloqüente” (Itaparica, p. 115), enquanto no que concerne ao *Para além do bem e do mal*, pode-se dizer que Nietzsche desenvolveu uma outra leitura dos problemas por ele tratados anteriormente, percebendo, assim, “que, no livro anterior, ele ainda estava atrelado a preconceitos morais; a partir de então ele passa a ver na ciência a última representante do processo niilista. O estilo da moral, então, é identificado com uma linguagem comum, vulgar, que privilegia a comunicação para fins utilitários e é orientado por valores escravos” (Itaparica, p. 116).

No que concerne aos conceitos empregados na elaboração da crítica nietzschiana à moral, nada obstante, pode-se dizer que não são de imediato entendimento; muito pelo contrário, urge que se reflita sobre eles ou mesmo que se criem padrões originais e independentes de interpretação dos mesmos. Aqui é que a obra em questão peca. Em outras palavras, pode-se, em certo sentido, dizer que a obra resenhada carece, em certos pontos, de esclarecimentos mais pormenorizados sobre o posicionamento do autor no que concerne ao entendimento de alguns termos basilares da obra de Nietzsche, de forma que, repisa-se, não se quer dizer que o autor não possua tais entendimentos, mas que ele não os deixa transparentes, quando, como em favor de que se pode argumentar, deveria deixá-los.

Há, todavia, a defesa em favor do autor, que é a de se dizer que o livro é escrito para os que já desfrutam de certa familiaridade com os textos nietzschianos e, conseqüentemente — espera-se —, já desenvolveram interpretações de suas obras, de sorte que o livro *Nietzsche: estilo e moral* mais seria um caminho para que o leitor estabelecesse por si só as relações entre forma e conteúdo nos livros *Humano, demasiado humano* e *Para além do bem e do mal* no que concerne aos seus entendimento e visão do conceito de moral em Nietzsche. É, há de se admitir, uma saída razoável e que livra Itaparica de maiores críticas, de sorte que de pode com razoável grau de propriedade recomendar-se o livro para os que, com ele, não almejam, de imediato, vãos maiores que os das já citadas aves noctívagas.